

Cuidar de um familiar com a doença não é tarefa fácil, mas é possível manter a paz, o carinho e a afetividade com paciência e conhecimento

POR AILIM CABRAL

O momento em que a preocupação com o esquecimento constante de quem você ama se transforma em diagnóstico de uma doença sem cura pode ser o pior da vida de muitas pessoas. Traz uma onda de desesperança e até a certeza de que não há nada a ser feito. Porém, famílias que viveram essa dor mostram que pode não ser bem assim. Ao compartilharem suas histórias, apontam os arcos surgidos em meio às tempestades.

Setembro é o Mês Mundial do Alzheimer e, nesta data, voltada à conscientização e ao esclarecimento sobre a doença que afeta cerca de **um milhão de pessoas no Brasil**, especialistas da saúde e familiares de pacientes ressaltam a importância da desestigmatização e da busca pela qualidade de vida de quem convive com a enfermidade.

Amanda Campina dos Santos Montalvão, psicóloga do Sistema Único de Assistência Social (Suas) no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), alerta que o desconhecimento está entre os maiores vilões que assolam as famílias dos pacientes. “A primeira coisa a se trabalhar é conhecimento, pois isso é o que permite que as famílias entendam os comportamentos e as necessidades do paciente. Muitos acham que eles estão sendo teimosos ou fazendo birra. E não é bem assim”, ensina.

A psicóloga comenta também que o início do processo costuma ser muito intenso e sofrido. Ao mesmo tempo em que lidam com o baque de descobrir o diagnóstico, família e paciente, muitas vezes, precisam passar por uma série de adaptações, tanto de rotina quanto de convivência.

Mas não é necessário viver isso sozinho. Grupos de apoio, como os conduzidos pela Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz), são uma grande rede de ajuda. E esse tipo de iniciativa não trabalha somente o bem-estar do cuidador, mas o ensina técnicas para que ele lide melhor

com o paciente e possa dar uma qualidade de vida satisfatória para o ente amado.

Entre mãe e filho

O administrador João Paulo Nascente, 40 anos, saiu de casa cedo e morava em outra cidade, mas mantinha a comunicação e a relação afetuosa com a mãe, a economista aposentada

Convivendo com o Alzheimer



Número crescente

Segundo o geriatra e presidente da ABRAz-DF, Otávio Castello, os números relacionados ao Alzheimer e a outros tipos de demência são superlativos. Os casos dobraram nos últimos 20 anos, e a expectativa é que triplique nos próximos 30. Existe, no mundo, cerca de 50 milhões de pessoas com Alzheimer. No Brasil as estimativas somam um milhão de pacientes.